

## Recuperar, Renovando e Reorientando

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

*“Não são as ervas más que Afogam a boa semente, e sim a negligência do lavrador.*

**Confúcio**

Conferindo dados, trabalhando as médias, percebemos importante revelação: a produtividade da cana-de-açúcar mostra resultados de melhoria nas novas regiões produtoras brasileiras além de indicar sua recuperação nas regiões tradicionais no Centro/Sul. É importante observar que isso acontece mesmo em ano com dificuldades climáticas! Percebe-se maior renovação de plantio nas áreas produtivas e em investimentos e isso é claro, resultado da reorientação de foco nas atividades da produção setorial.

Esse primeiro parágrafo retrata a “alma” deste texto que tem como objetivo ressaltar o fundamental papel da produtividade no agronegócio canavieiro. Parece óbvio e não teria tanta importância, não fosse a realidade que vive o setor desde 2010: perdeu cerca de  $\pm$  2 toneladas de ATR por hectare!

Temos escrito neste espaço sobre isso com insistência desde que “Dilma, a Eloquente” resolveu esculhambar com o setor sucroenergético brasileiro, através de ações que culminaram, anos após, com o empobrecimento setorial e os escândalos na Petrobrás.

Sem novamente discutir os detalhes da enorme pressão negativa sobre o setor, o quadro resultante mostra uma enorme dispersão de dados sobre a produtividade. Ao buscar a correlação disso com os estudos e análises do PECEGE (custos) e da amostra apresentada pelo Rabobank (dívida e resultados financeiros), tem-se a comprovação da impressionante heterogeneidade do setor sucroenergético em todos esses aspectos fundamentais! Claro que cada um, individualmente, pressiona o outro. Mas além dos problemas energéticos de investimento individual e do derramamento de sangue causados pelos Governos do PT, o aspecto base que alimenta os resultados é a produtividade agroindustrial.

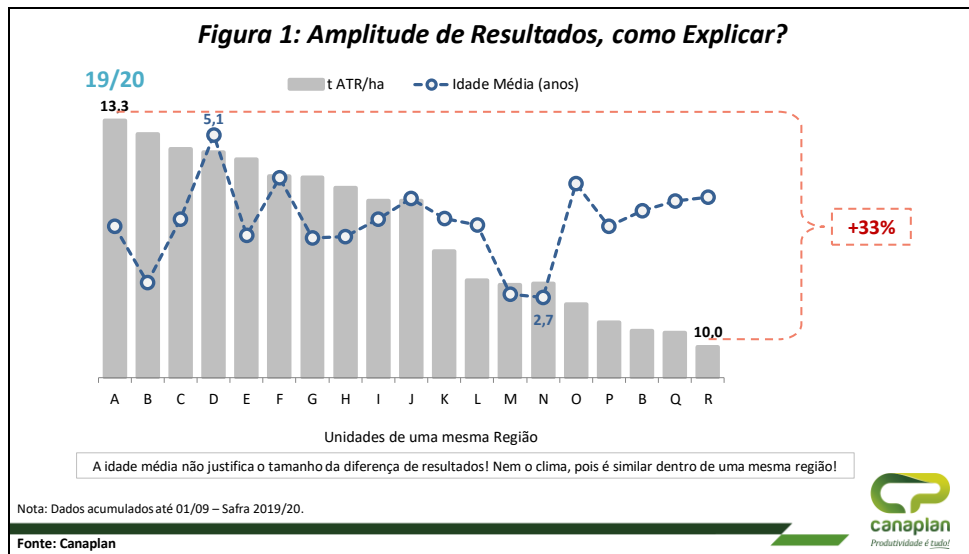
A safra 2019/20 mostrou alguns aspectos de realce como a efetiva redução da área de colheita e a manutenção de um canavial mais velho. A nítida tendência é que a saída de áreas menos produtivas ou distantes siga ocorrendo no curto prazo, reduzindo a idade média. Por outro lado, já se nota a recuperação do percentual de renovação dos canaviais no Centro/Sul brasileiro, ganhando espaço as canas de 1º corte o que, juntamente com a meiosi e o maior investimento nos canaviais mostra os sinais de recuperação da produtividade agrícola da região.

Do ponto de vista da qualidade das canas processadas, há um aspecto importante a comentar que é a enorme dispersão de ações estratégicas diferentes sobre a safra. Enquanto alguns buscam o período mais efetivo para a realização de uma safra com visão econômica, outros olham para a questão financeira e, há, ainda os que têm limitações industriais. Seria injusto falar da média, em posições tão díspares.

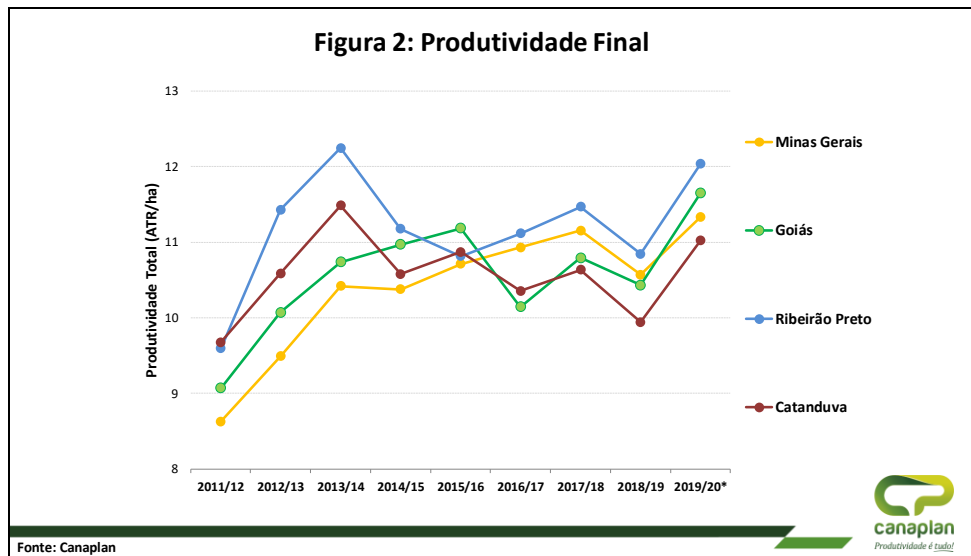
O que se pode comentar a esse respeito, entre outros aspectos, é a importância já comprovada do uso de maturadores e inibidores de florescimento como forma de se conseguir melhores resultados de ATR/tonelada de cana colhida, com o perfil varietal que tem o Centro/Sul canavieiro.

A safra 2019/20 mostrou um início antecipado para muitos, com um março mais seco e, com uma safra mais seca e veloz ocorreu uma antecipação na idade das canas colhidas, reduzindo a produtividade agroindustrial geral.

Por outro lado há um grande esforço a ser empreendido pelos produtores no uso da tecnologia disponível e utilizada pelos líderes em produtividade agroindustrial na região. Afinal, a amplitude de variação das produtividades das unidades industriais em uma mesma região é enorme (Figura 1).



Como dito anteriormente, é muito positiva e surpreendente a reação da produtividade de canaviais em novas regiões como Goiás e Minas Gerais (Figura 2).



O grande questionamento que se ouve sobre o período pós 2008/09 é em relação à queda da produtividade agroindustrial, que passou a caminhar por um sentido oposto ao que se observa no agronegócio de grãos no Brasil.

Recente análise do Rabobank, com base em dados da RPA Consultoria, trouxe questões extremamente relevantes para o agronegócio canavieiro nacional (Tabela 1):

<b>Tabela 1: Classificação das Usinas Canavieiras Brasileiras (Out/19)</b>				
<b>Status Jurídico</b>	<b>Status Operacional</b>		<b>Total</b>	<b>%</b>
	<b>Operando</b>	<b>Parada</b>		
Normal	274	48	322	73%
Recuperação Judicial	63	32	95	21%
Falida	3	24	27	6%
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>104</b>		
<b>%</b>	<b>77%</b>	<b>23%</b>		

Fonte: RPA Consultoria, elaboração Rabobank.

A análise do Banco é que “infelizmente somente empresas com baixo custo de produção, boa liquidez, boa estrutura de capital e boa governança corporativa conseguirão tirar proveito das boas perspectivas que se abrem no novo ciclo setorial. Dessa forma, o “gap” no setor, entre as empresas, vai aumentar assim como a moagem nacional, no curto prazo, decrescerá.

Para se ter uma ideia mais clara do tamanho da competitividade “média” do setor canavieiro brasileiro, pode-se lançar mão de recente apresentação da Sucden, na semana do açúcar no Brasil (out/19), onde se estabeleceu para diferentes tipos de açúcar e o etanol hidratado, comparações (grosso modo) (Tabela 2):

<b>Tabela 2: Comparações de custos entre diferentes tipos de açúcar e o etanol hidratado por países</b>			
<b>US\$/ton açúcar</b>	<b>Açúcar Branco</b>	<b>Demerara</b>	<b>Etanol</b>
China	720	-	-
Índia	400	-	-
França	400	-	-
Tailândia	300	280	-
Rússia	300	-	-
Brasil (C/Sul)	260	240	205

Fonte: Sucden, nov/19, adaptado por Canaplan.

Esse quadro permite observar que o Brasil ainda tem custos menores.

Se olharmos para os preços, é muito diferente e é resposta ao aumento de oferta de açúcar na Índia, por exemplo (Tabela 3):

<b>Tabela 3: Preços do Açúcar nos Países, por Mercado</b>		
<b>US\$/ton açúcar</b>	<b>Mercado Doméstico</b>	<b>Mercado Mundial</b>
China	780	-
Índia	450 – 490	340 <sup>(1)</sup>
França	350 – 450	380
Tailândia	-	300 – 350
Rússia	320	-
Brasil (C/Sul)	-	290 – 300

Nota:  
(1) Maharashtra e Uttar Pradesh, com subsídios.  
Fonte: Sucden, nov/19, adaptado por Canaplan.

Se por um lado as tabelas mostram o problema dos subsídios e, também, margens apertadas, a realidade é que vamos brigar na OMC mas, enquanto não se contém esses fatos, o único caminho saudável é o da produtividade.

O novo ciclo que claramente se abriu ao setor sucroenergético em 2019 (citado pela Canaplan em abril/19) está assentado sobre a premissa Etanol. É graças a ela onde a nova política de preços dos combustíveis foi vital à sobrevivência setorial, que o Brasil reduziu tremendamente a oferta de açúcar em duas safras seguidas, 2018/19 e 2019/20, contribuindo para que o déficit de oferta na safra internacional 2019/20, de 8 milhões de toneladas, trouxesse as perspectivas de preços do açúcar em outro patamar para 2020. Por outro lado, os bons preços do petróleo realizaram a façanha da expansão da oferta do etanol, no Brasil, às expensas da produção de açúcar no período citado.

Em seguida, até como efeito dos baixos preços, houve redução da oferta em vários países além dos problemas do clima e do câmbio.

É claro o momento para investimento em tecnologia, em equipe e na gestão das safras! (Figura 3).

Para um olhar de perspectivas, procurou-se estabelecer premissas de quanto um processo de recuperação da produtividade poderia alavancar a oferta dos produtos setoriais (açúcar e etanol) além da oferta de energia elétrica que deve se expandir com o uso dos resíduos para a produção de bioagás:

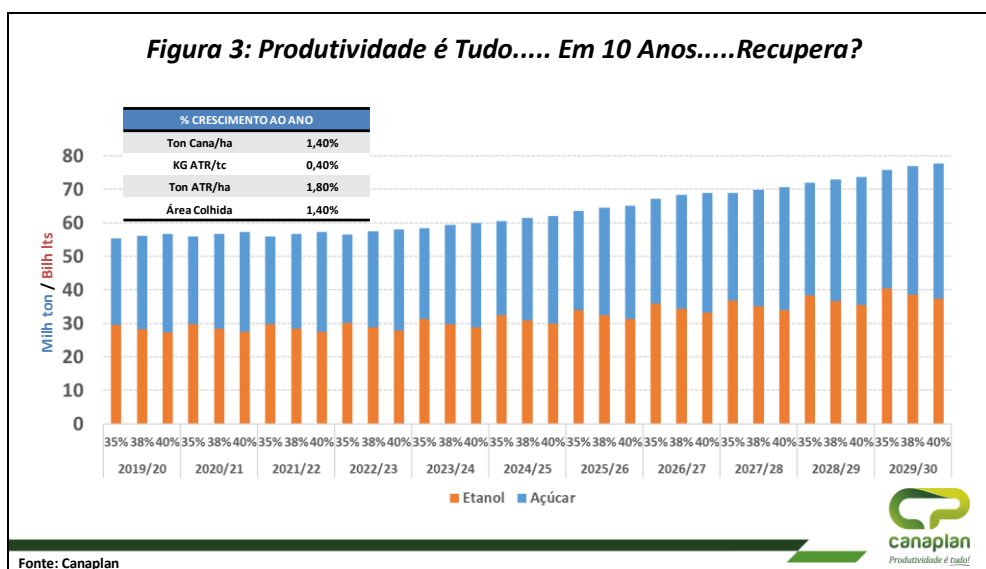
**a) Crescimento ou queda da área?**

Estabeleceu-se uma queda leve no curto prazo, com crescimento posterior, para 10 anos, de 1,4% ao ano para todo o período;

**b) Estabeleceu-se o mesmo para a oferta de canas e dois ritmos para a produtividade:**

**b.1) 0,4% ao ano para a qualidade das canas (kg ATR/tc);**

**b.2) 1,4% ao ano como ganhos de produtividade agrícola para o período de 10 anos.**



Como se pode verificar, atender-se-ia as metas do RenovaBio em termos do crescimento da oferta de etanol (considerando-se o adicional a ser colocado via milho e volumes do etanol de 2ª geração) e na oferta de açúcar, com retornos ao share brasileiro.

Para isso, tecnologia é total prioridade, com a maior complexidade a ser inserida com o RenovaBio: prêmios à eficiência por se reduzir as emissões de CO<sub>2</sub> na produção de cana, do etanol e do bioagás!

Um novo setor aparecerá e novamente será fundamental a capacidade de competir. Para isso, conforme os 3 R's do título do presente texto, será fundamental recuperar, renovando e reorientando.